

CAPÍTULO 10

Agroecologia e protagonismo feminino no cultivo de cafés especiais em Vila Pontões, Afonso Cláudio, ES

Graciandre Pereira Pinto, Lucas Louzada Pereira, Aldemar Polonini Moreli, Atanásio Alves do Amaral, Maurício Novaes Souza

<https://doi.org/10.69570/mp.978-65-84548-36-7.c10>

Resumo

O presente capítulo tem como objetivo analisar e registrar a relevância histórica da Associação de Mulheres Empreendedoras de Vila Pontões, localizada em Afonso Cláudio, ES. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi desenvolvida a partir da combinação de revisão bibliográfica, análise documental e trabalho de campo com aplicação de instrumentos específicos. A trajetória da associação evidencia mais de uma década de lutas e conquistas, iniciadas em um contexto marcado pela predominância masculina no cultivo do café e pela invisibilidade do trabalho feminino nas lavouras. Ao longo desse percurso, as mulheres enfrentaram desafios para conquistar espaço, visibilidade e reconhecimento social e institucional. O processo de formalização jurídica da associação representou um marco fundamental, permitindo a consolidação de sua identidade coletiva e o fortalecimento da atuação comunitária. A partir daí, novos avanços foram alcançados, entre eles as primeiras premiações com a produção de cafés especiais no distrito, o que projetou o protagonismo feminino no cenário local. Foi possível observar o impacto das práticas agroecológicas adotadas pelas associadas, seus efeitos na sustentabilidade ambiental, na qualidade da produção e na valorização territorial. Os resultados da pesquisa evidenciaram, contudo, fragilidades persistentes, relacionadas principalmente à formação dos profissionais envolvidos, às condições estruturais limitadas e à dificuldade de transformar políticas públicas em práticas efetivas. Ainda assim, o estudo revela que, apesar das lacunas existentes, a experiência da associação constitui um exemplo de resistência e inovação, reforçando a necessidade de práticas mais críticas, humanizadas e integradoras.

Palavras-chave: Associação de mulheres. Empreendedorismo social. Inclusão e protagonismo feminino. Permanência no campo. Agroecologia.

1. Introdução

O município de Afonso Cláudio, localizado no interior do Espírito Santo, é reconhecido por sua paisagem montanhosa, pela diversidade biológica e pela predominância de pequenas propriedades rurais, com atividades ligadas principalmente ao cultivo de café. Nesse contexto, a comunidade de Vila Pontões se destaca pelo cultivo agrícola tradicional e pela organização social voltada à agricultura familiar. Este capítulo apresenta um estudo de caso da Associação de Mulheres Empreendedoras de Vila Pontões (AMEP), fundada em 2016, que reúne produtoras de cafés especiais no distrito (Figura 1).



Figura 1. Vista panorâmica da Vila Pontões, Afonso Cláudio, ES. Fonte: Acervo Graciandre Pereira Pinto, 2024.

A Associação de Mulheres Empreendedoras de Vila Pontões (AMEP) foi oficializada em 2016, com a aprovação do Estatuto Social, do Regimento Interno e da eleição de sua primeira Diretoria, sendo registrada sob o CNPJ nº 26.552.800/0000-109. Entretanto, a trajetória de lutas e de protagonismo feminino na comunidade remonta a 1996, quando teve início um processo de mobilização impulsionado pela atuação de técnicos da Secretaria de Agricultura dos municípios de Afonso Cláudio e Venda Nova do Imigrante, pelo Governo do Estado do Espírito Santo e pela PRONOVA – Cooperativa de Café. Criada nos anos 1990, a cooperativa tinha como objetivo apoiar os produtores regionais na melhoria da qualidade dos cafés especiais e no fortalecimento da comercialização (Figuras 2 e 3).



Figura 2. Nova sede da PRONOVA. Fonte: Acervo Graciandre Pereira Pinto, 2024.



Figura 3. Nova sede da PRONOVA. Fonte: Acervo Graciandre Pereira Pinto, 2024.

Contudo, a trajetória da AMEP remonta aos anos de 1995/1996, quando iniciativas do poder público, em articulação com a Secretaria de Agricultura de Afonso Cláudio e outros atores locais, buscaram fortalecer o potencial dos cafés especiais na região. Nesse período, embora as mulheres participassem ativamente das etapas de produção, colheita e secagem dos grãos, sua atuação era vista apenas como um complemento à força masculina, sem o devido reconhecimento.

Foi somente em 2010/2011 que se abriu uma nova possibilidade de protagonismo, a partir da oferta de um curso de pós-colheita e degustação de cafés, promovido por uma cooperativa regional e direcionado exclusivamente às mulheres. A partir dessa experiência, a participação feminina passou a ganhar maior visibilidade e relevância, consolidando-se como força transformadora no cultivo de cafés especiais em Vila Pontões (Figuras 4, 5 e 6).



Figura 4. Sede da Associação das Mulheres Empreendedoras da Agricultura Familiar de Vila Pontões – Termo de Comodato com o Município de Afonso Cláudio, ES. Fonte: Acervo Graciandre Pereira Pinto, 2024.



Figura 5. Mulheres Empreendedoras da AMEP - Produção de massas e derivados. Fonte: Acervo Josiane Bissoli, 2024.



Figura 6. Mulheres Empreendedoras em frente à sede da AMEP. Fonte: Acervo Cláudio Costa, 2024.

A criação da AMEP decorre da necessidade das mulheres produtoras de café se organizarem coletivamente para superar desafios históricos de invisibilidade, falta de reconhecimento e ausência de espaços institucionais de participação. A associação passou a representar um instrumento de fortalecimento da identidade feminina no campo, possibilitando a busca por qualificação técnica, acesso a políticas públicas e maior autonomia econômica.

Nesse contexto, o café se consolida como elemento central de integração e transformação social, especialmente pela valorização crescente dos cafés especiais no mercado nacional e internacional. A aproximação com a agroecologia surge de maneira natural, na medida em que práticas sustentáveis de cultivo e beneficiamento passaram a ser incorporadas como estratégia para garantir qualidade, agregar valor à produção e, simultaneamente, promover a conservação ambiental.

A experiência da AMEP evidencia, assim, que a associação entre café e agroecologia vai além de uma alternativa produtiva: trata-se de um processo de empoderamento feminino, de permanência no campo e de fortalecimento da agricultura familiar. Nesse processo, as mulheres não apenas se inserem em cadeias de maior valor agregado, mas também constroem novas formas de protagonismo, transformando a realidade socioeconômica e ambiental da comunidade de Vila Pontões.

2. A associação de mulheres empreendedoras da agricultura familiar de Vila Pontões – AMEP e seus impactos

Este estudo busca analisar os conceitos ambientais e sociais aplicados no contexto da Associação de Mulheres Empreendedoras da Agricultura Familiar de Vila Pontões (AMEP), bem como seus impactos no desenvolvimento socioeconômico da comunidade local. A investigação contribui para ampliar o conhecimento sobre a realidade das mulheres camponesas, agricultoras familiares e trabalhadoras rurais, destacando seus desafios e conquistas.

A experiência analisada concentra-se no distrito de Vila Pontões, no município de Afonso Cláudio, onde um grupo de mulheres se mobilizou e se organizou em forma associativa para ter acesso a cursos de capacitação e oportunidades de qualificação. Esse movimento resultou na constituição da AMEP e, posteriormente, na conquista de uma sede própria, cedida em regime de comodato pelo município de Afonso Cláudio, com prazo de 20 anos. O espaço foi reformado e estruturado com uma cozinha industrial, possibilitando a fabricação de produtos alimentícios como massas e biscoitos, ampliando as fontes de renda e fortalecendo a autonomia financeira das associadas.

Com o tempo, as atividades da AMEP se expandiram para além da produção de alimentos, consolidando-se no cultivo e na valorização dos cafés especiais. Nesse processo, as mulheres transformaram suas práticas produtivas e de comercialização em instrumentos de reconhecimento social e econômico, legitimando seu papel como especialistas no setor cafeeiro. O trabalho desenvolvido pela associação não apenas promoveu a qualificação técnica, mas também se tornou um espaço de fortalecimento coletivo, de construção de esperança e de protagonismo feminino.

Assim, a trajetória da AMEP evidencia que a organização social das mulheres foi decisiva para sua inserção em cadeias de maior valor agregado. A partir da qualificação profissional em diversas áreas e da conquista de premiações com cafés especiais, a associação se consolidou como agente de transformação social e ambiental, contribuindo para a permanência das mulheres no campo e para a promoção da sustentabilidade no território de Vila Pontões (Figura 7).



Figura 7. Qualificação profissional de membros da AMEP. Fonte: Acervo AMEP, 2023.



Figura 8. Qualificação profissional de membros da AMEP. Fonte: Acervo AMEP, 2023.



Figura 9. Qualificação profissional de membros da AMEP. Fonte: Acervo AMEP, 2023.



Figura 10. Qualificação profissional de membros da AMEP recebendo a visita do governador Casagrande e do Secretário de Agricultura. Fonte: Acervo AMEP, 2023.



Figura 11. Qualificação profissional de membros da AMEP: produção de massas. Fonte: Acervo AMEP, 2023.

O Quadro 1 resume os principais impactos e exemplos da AMEP.

Dimensão	Impactos Principais	Exemplos na AMEP
Social	<ul style="list-style-type: none"> - Fortalecimento do protagonismo feminino - Valorização do trabalho das mulheres rurais - Ampliação da autoestima e da autonomia - Construção de redes de solidariedade 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento local e regional - Espaço de representatividade social - Formação de liderança comunitária
Econômica	<ul style="list-style-type: none"> - Geração de novas fontes de renda - Inserção em mercados diferenciados - Agregação de valor à produção agrícola - Consolidação de cafés especiais premiados 	<ul style="list-style-type: none"> - Produção e comercialização de massas e biscoitos - Premiações em concursos de qualidade de café - Acesso a políticas públicas e projetos de apoio
Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> - Adoção de práticas agroecológicas - Preservação de recursos naturais - Estímulo à sustentabilidade produtiva 	<ul style="list-style-type: none"> - Manejo sustentável do café - Uso racional do solo e da água - Integração da produção ao contexto agroecológico local.

Fonte: Os autores.

A experiência da AMEP demonstra que a qualificação contínua das mulheres foi fundamental para fortalecer sua autoestima, ampliar suas capacidades produtivas e possibilitar sua inserção em atividades de maior valor agregado, como os cafés especiais. Esse processo resultou não apenas em geração de renda e autonomia financeira, mas também na valorização do trabalho feminino no campo, contribuindo para o reconhecimento social e para a permanência dessas mulheres em seus territórios.

3. Café e agroecologia

A Agroecologia é um campo da ciência que articula e integra conhecimentos tradicionais e saberes populares associados aos científicos, e, a partir do entrelaçamento desses saberes, são produzidos novos conhecimentos. Dessa forma, entende-se que a agroecologia não é apenas uma ciência ou disciplina científica, mas sim, possui uma abrangência multidisciplinar, pois envolve várias questões, entre elas, de gênero e políticas intersetoriais, além de agregar mudanças na aplicação das técnicas e práticas, com intuito de sistematizar as distintas formas de se trabalhar a agricultura (Altieri, 1995).

Segundo dados da Fiocruz (2022), a construção do conhecimento agroecológico se faz a partir dos preceitos da ecologia dos saberes, do olhar multidimensional sobre a sociedade de modo geral, da agricultura ecológica e sustentável, acumulada e multiplicada por meio da sistematização desse conhecimento, da socialização de tecnologias sociais e da construção de redes e associações. Nesse sentido a agroecologia é uma forma de vida que respeita os direitos das pessoas independentemente de gênero, cor, idade ou classe social.

Conforme os documentos explícitos no Brasil (2019), a igualdade de gênero desempenha um papel fundamental na territorialização da Agenda 2030, especialmente no âmbito do objetivo de construir Territórios Sustentáveis e Saudáveis. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, proposta pela Organização das Nações Unidas – ONU, estabelece metas e objetivos globais para promover o desenvolvimento sustentável em todo o mundo até o ano de 2030. Um dos pilares essenciais desta agenda é o objetivo de alcançar a

igualdade de gênero, com foco no empoderamento de meninas e mulheres, delineado pelo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável – ODS.

Neste ponto, pode-se agregar a importância e destacar a participação de mulheres na agroecologia modificando paradigmas, visando o desenvolvimento rural sustentável, como parte fundamental do processo descrito, especialmente, no ODS.

Nesse contexto, a necessidade de estabelecer relações mais justas e equitativas com o meio ambiente é evidenciada a partir dos princípios e das experiências práticas desse campo específico. É necessário notar que, dentro da sociedade, as interações entre as pessoas são profundamente influenciadas pelo papel social que ocupam e como são percebidas pelos outros. Na Agroecologia e na sociedade em geral, os diversos indivíduos envolvidos nesses relacionamentos são impactados por uma variedade de dinâmicas sociais, incluindo questões de classe, raça, gênero, orientação sexual e outras (ANA, 2006b).

Essas influências podem, em determinadas circunstâncias, ser decisivas em suas ações. Portanto, é fundamental, para o avanço da Agroecologia, em sua amplitude, compreender as questões enfrentadas por diferentes grupos, incluindo mulheres, homens e jovens. As disparidades entre homens e mulheres são notáveis, sendo elas resultadas de variáveis naturais, culturais e estilos de vida, as quais moldam também suas perspectivas e experiências (ANA, 2006a).

4. Café e a Agricultura Integrativa

A agroecologia, enquanto abordagem científica e prática sustentável, estimula a adoção de práticas inovadoras e dinâmicas, como a agricultura integrativa. Essa prática combina diversas técnicas agrícolas, ecológicas e sociais para aperfeiçoar a produção e minimizar os impactos ambientais, promovendo a saúde dos agroecossistemas (Besteti *et al.*, 2025).

Em Vila Pontões, essa abordagem pode trazer benefícios econômicos, sociais e ecológicos significativos. A transição agroecológica é vista por Altieri (2002) como um processo fundamental para o desenvolvimento rural sustentável, baseando-se no conhecimento tradicional e científico para a

reestruturação dos sistemas produtivos. Esse processo envolve não apenas mudanças técnicas, mas também transformações sociais, culturais e políticas que favoreçam a autonomia dos agricultores e a valorização da biodiversidade.

4.1. Princípios da agricultura integrativa

Segundo Gliessman (2001) e Souza *et al.* (2025), a agroecologia aplica conceitos e princípios ecológicos no desenho e manejo de agroecossistemas. Os princípios da agricultura integrativa se materializam por meio de diversas práticas que buscam a sinergia entre os componentes do sistema. Caporal e Costabeber (2004) e Destefani *et al.* (2025) destacam que a metodologia agroecológica envolve a análise dos sistemas a partir de suas dimensões técnica, social, econômica e cultural.

Entre os princípios e práticas que definem a agricultura integrativa, destacam-se (Gliessman, 2001; Altieri, 2002; Caporal e Costabeber, 2004; Destefani *et al.*, 2025; Souza *et al.*, 2025):

- **Diversificação de culturas:** cultivo de várias espécies (culturas anuais, perenes, árvores) na mesma área, o que aumenta a biodiversidade e a resiliência do sistema, reduzindo a dependência de monoculturas.
- **Manejo Integrado de Pragas (MIP):** uso equilibrado de métodos biológicos (inimigos naturais), culturais (rotação, variedades resistentes) e, em último caso e de forma controlada, químicos, para controlar pragas e doenças, visando a estabilidade ecológica.
- **Rotação de Culturas:** alternância planejada de culturas em um campo específico a cada ano, o que melhora a saúde e fertilidade do solo (fixação de nitrogênio, ciclagem de nutrientes) e reduz a incidência de pragas e doenças específicas.
- **Agrofloresta:** combinação intencional e planejada de culturas agrícolas e árvores (frutíferas, madeiras, adubadoras) para criar sistemas mais sustentáveis, produtivos e eficientes na conservação do solo e da água. O café, especificamente, adapta-se muito bem a sistemas agroflorestais.

- **Uso Eficiente da Água:** implantação de técnicas de irrigação que minimizem o desperdício de água (como irrigação por gotejamento ou microaspersão) e práticas que aumentam a capacidade de retenção de água do solo (cobertura morta, aumento da matéria orgânica).
- **Compostagem e Adubação Orgânica:** utilização de resíduos orgânicos (restos de colheita, esterco) para produzir fertilizantes naturais, melhorando a estrutura e a fertilidade biológica do solo, além de promover a ciclagem de nutrientes na propriedade.

4.2. Benefícios da Agricultura Integrativa em Vila Pontões

A aplicação desses princípios em Vila Pontões, especialmente na cafeicultura, pode resultar em diversos ganhos:

- **Sustentabilidade ambiental:** redução drástica ou eliminação do uso de agrotóxicos e fertilizantes químicos, preservando a qualidade da água, do solo e a biodiversidade local.
- **Resiliência Climática:** sistemas diversificados, com maior teor de matéria orgânica no solo e a presença de árvores, são mais estáveis e resistentes aos choques ambientais, como períodos de seca ou chuvas intensas.
- **Aumento da Produtividade e Estabilidade:** a diversificação de culturas (consórcio com hortaliças, frutíferas ou criação) pode levar a uma produção mais estável e variada ao longo do ano, distribuindo riscos e oferecendo fontes de renda adicionais.
- **Valorização da Comunidade Local:** fortalecimento da economia local por intermédio da produção de alimentos diversificados e de alta qualidade, muitas vezes com potencial para certificação orgânica ou agroecológica.

4.3. Implantação prática

Apesar da complexidade inerente à mudança de paradigma e da necessidade de mais pesquisas de campo adaptadas, a implantação da agricultura integrativa é viável e fundamental para o futuro da agricultura na

região. Caporal e Costabeber (2004) defendem que o processo de transição é facilitado pela participação ativa dos agricultores e pelo apoio técnico adequado. Alguns pontos merecem destaque:

- **Educação e Capacitação:** oferecer cursos, intercâmbios e workshops para agricultores locais, focando em técnicas agroecológicas e no compartilhamento de conhecimentos práticos.
- **Parcerias Estratégicas:** colaborar com instituições de pesquisa (EMBRAPA, Incaper), universidades e organizações não-governamentais para desenvolver e implementar projetos-piloto de agricultura integrativa adaptados à realidade de Vila Pontões.
- **Incentivos Governamentais:** buscar e mobilizar programas de apoio e financiamento (crédito rural, subvenções) que reconheçam e incentivem as práticas agrícolas sustentáveis e a transição agroecológica.
- **Mercados Locais e Solidários:** estabelecer mercados locais, cooperativas e circuitos curtos de comercialização para a venda direta de produtos agroecológicos, valorizando a produção e incentivando a economia circular e solidária.

4.4. Desafios e oportunidades

A transição para a agricultura integrativa pode exigir mudanças significativas nas práticas agrícolas tradicionais e na mentalidade dos agricultores, o que pode ser um desafio inicial. Além disso, algumas práticas integrativas podem requerer um investimento inicial maior (como o plantio de árvores em sistemas agroflorestais), embora ofereçam benefícios ecológicos e econômicos em longo prazo. A criação de um mercado consumidor consciente para produtos integrativos e a obtenção de certificações (como a de produção orgânica) podem ajudar a agregar valor aos produtos, compensando o esforço adicional.

A agricultura integrativa em Vila Pontões representa, portanto, uma oportunidade significativa para promover a sustentabilidade ambiental, aumentar a resiliência climática das lavouras de café e fortalecer a economia local,

elevando a qualidade de vida no campo. Com o apoio adequado e a implantação de práticas integradas, a região pode servir como um modelo inspirador para outras áreas rurais do Brasil (Figura 12).



Figura 12. Sistema de Agricultura Integrativa da propriedade da família de Sandro Delpupo, Vila Pontões, ES. Fonte: Acervo Graciandre P. Pinto, 2024.

4. Questões de gênero

Historicamente, as desigualdades de gênero se manifestam sob diversos aspectos. Em muitas culturas, as mulheres foram tradicionalmente associadas ao espaço privado, assumindo predominantemente funções reprodutivas e domésticas. Segundo a Fiocruz (2022), o conceito de gênero se refere aos aspectos construídos socialmente a partir das interações humanas, sendo fundamentais para as distinções percebidas entre os sexos. Nessa perspectiva, é necessário compreender não apenas as representações sociais ligadas ao sexo, mas também as situações de opressão e exploração enfrentadas por mulheres e meninas.

A desigualdade de gênero se manifesta em múltiplos espaços. Embora problemática nos centros urbanos, no meio rural as mulheres frequentemente encontram-se ainda mais vulneráveis. Fatores como o isolamento geográfico, a ausência de meios de comunicação (internet e telefonia), o limitado acesso a

serviços de saúde e prevenção, e a distância de delegacias especializadas contribuem para a incidência da violência doméstica e para a subnotificação desses casos (Costa *et al.*, 2017).

No contexto da agricultura familiar, a presença feminina é muitas vezes negligenciada. Muitas agricultoras enfrentam violência patrimonial e perda de direitos sobre heranças, evidenciando a desigualdade quando os trabalhos são hierarquizados segundo papéis de gênero. De acordo com o CONASS (2015), uma Organização Social – OS é uma associação ou fundação privada regulamentada pelo Código Civil, autorizada pelo poder público a estabelecer parcerias de longo prazo para desenvolver atividades de interesse coletivo.

No distrito de Vila Pontões, município de Afonso Cláudio, ES, a Associação de Mulheres Empreendedoras de Agricultura Familiar (AMEP) obteve reconhecimento jurídico por meio do registro do Estatuto, consolidando-se como sociedade civil sem fins lucrativos. A partir desse marco, as mulheres produtoras de café passaram a gerir suas próprias lavouras de forma autônoma, promovendo maior qualidade na produção e ampliando sua autonomia financeira.

Apesar do reconhecimento formal da AMEP, desafios persistem, como conflitos familiares, disputas de poder conjugal, controle financeiro e a negociação de afetos, além da construção e consolidação do conhecimento técnico associado ao cultivo de cafés especiais. Dessa forma, torna-se essencial estudar o papel da AMEP e as atividades desenvolvidas pelas agricultoras em Vila Pontões, considerando uma perspectiva de gênero, com vistas a subsidiar políticas públicas e iniciativas socioambientais voltadas à agroecologia (Figura 13).

A relação entre gênero e agroecologia se revela particularmente produtiva, pois a agroecologia reconhece o papel central das mulheres na preservação dos recursos naturais, na transmissão de saberes tradicionais e na organização da produção agrícola. As mulheres se destacam como protagonistas da transição agroecológica, praticando uma agricultura diversificada, de base familiar e profundamente conectada à natureza. Siliprandi (2015) ressalta que a agroecologia se constitui como aliada do feminismo camponês, ao promover relações mais horizontais, solidárias e inclusivas na produção rural.



Figura 13. Café em produção agroecológica e em agricultura integrativa, Vila Pontões, Afonso Cláudio, ES. Fonte: Acervo Sandro Delpupo, 2022.

A valorização do trabalho feminino também se dá por meio da construção de narrativas que reconheçam suas contribuições. Contar as histórias das mulheres do campo — suas lutas, saberes e conquistas — é uma forma de romper com o apagamento histórico e dar visibilidade às trajetórias que resistem e reinventam a vida rural. Quando compartilhadas em redes e espaços comunitários, essas narrativas tornam-se instrumentos de inspiração e mobilização para outras mulheres, promovendo um ciclo virtuoso de transformação social e fortalecimento da agricultura familiar.

No ano de 2019/20, uma das associadas foi premiada com o microlote de café especial, destacando-se no Concurso Florada premiada produzido pela Empresa Três Corações – MG, como forma de valorizar a cafeicultura feminina e a qualidade dos cafés especiais (Figura 14).

Com o passar dos anos, diversos cursos e o acúmulo de experiências, muitas das vinte (20) associadas conquistaram autonomia plena ao gerir suas próprias lavouras de cafés especiais, separadas da produção familiar. A agroecologia, nesse sentido, serve como um catalisador para a transformação social e ambiental, incorporando o conhecimento tradicional das mulheres, suas práticas cotidianas e suas formas de organização. A experiência da AMEP, ancorada na produção agroecológica de cafés especiais, revela a potência do

protagonismo feminino na construção de uma agricultura mais justa e sustentável.



Figura 14. Florada de café especial em 2020. Fonte: Acervo Josane Bissoli, 2020.

Nessas lavouras, elas assumem o protagonismo em todas as etapas: preparam o solo, escolhem as variedades de café, conduzem o cultivo e acompanham cada fase até a xícara. Mais do que produzir café, essas mulheres constroem suas próprias histórias de empoderamento, fortalecendo sua identidade, visibilidade social e papel transformador na comunidade (Figura 15).

Mais do que um caso isolado, essa experiência dialoga com as diretrizes da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Brasil, 2012) e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, especialmente aqueles voltados para a igualdade de gênero (ODS 5) e para a agricultura sustentável (ODS 2). Essa articulação demonstra que iniciativas locais, quando fortalecidas, podem contribuir para agendas globais de sustentabilidade, revelando o potencial transformador da agroecologia na promoção de justiça social e ambiental. Além disso, evidencia a importância de políticas públicas integradas que reconheçam e apoiem o protagonismo das mulheres rurais, historicamente invisibilizadas nos processos produtivos. Nesse sentido, a experiência em Vila Pontões reafirma a necessidade de consolidar práticas que articulem emancipação feminina, valorização do trabalho agrícola e preservação ambiental (Figura 16).



Figura 15. Café da mulher. Fonte: Acervo Graciandre P. Pinto, 2024.



Figura 16. Café da Josane. Fonte: Acervo Josane Bissoli, 2023.

5. Considerações

As experiências analisadas em Vila Pontões revelam que a produção de cafés especiais conduzida pelas mulheres da AMEP transcende a dimensão produtiva. O associativismo feminino permitiu transformar práticas historicamente

invisibilizadas em ações de impacto econômico, social e político, fortalecendo a autonomia das agricultoras e reconfigurando relações de poder no campo.

A adoção de práticas agroecológicas associadas ao cultivo do café não apenas elevou a qualidade do produto, mas também garantiu sustentabilidade ambiental, preservação da biodiversidade e resiliência climática das lavouras. Esses resultados demonstram a força da integração entre agroecologia, organização coletiva e protagonismo feminino como base para o desenvolvimento territorial sustentável.

A AMEP tornou-se espaço de aprendizado, partilha de saberes e articulação política, possibilitando o acesso a políticas públicas, capacitações e mercados diferenciados. A criação do Circuito Turístico dos Cafés Especiais exemplifica como a organização coletiva potencializa oportunidades, amplia a visibilidade e valoriza a identidade cultural da comunidade.

Apesar dos avanços, permanecem desafios, como a ausência de uma lavoura coletiva que represente de forma simbólica e prática a união das associadas sob uma marca própria. Esse sonho, ainda não concretizado, traduz o horizonte de fortalecimento da associação e da identidade das agricultoras.

Em síntese, a experiência de Vila Pontões mostra que o protagonismo feminino, aliado à agroecologia e ao associativismo, é capaz de gerar transformações profundas e duradouras. Para além do aumento de renda, trata-se da construção de territórios mais justos, sustentáveis e inclusivos. Essa trajetória reforça a necessidade de políticas públicas que apoiem a agricultura familiar, o empoderamento das mulheres e a valorização das práticas agroecológicas, permitindo que iniciativas como a AMEP se multipliquem e inspirem outros contextos rurais no Brasil e na América Latina.

6. Referências

ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: a base científica para uma agricultura sustentável. Rio de Janeiro: Editora da UFRRJ, 2002.

ALTIERI, M. A. **Agroecology**: the science of sustainable agriculture. Boulder, CO: Westview Press. 1995.

ANA. Articulação Nacional de Agroecologia. **Carta Política do II Encontro Nacional de Agroecologia**. Recife: ANA, 2006.

ANA (Articulação Nacional de Agroecologia). **Expressões da Agroecologia**. Recife: ANA, 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BESTETI, P. I. de O.; CARVALHO, R. C. B.; BERMOND, K. Z.; SALVADOR, L.; LIMA, M. da S. P.; PORTO, L. L.; RODRIGUES, P. D.; ZACARIAS, A. J.; AMARAL, A. A. do; GORONCI, J. de F.; SOUZA, M. N. Desafios e perspectivas da agricultura sustentável: impactos da agricultura convencional e práticas agroecológicas para a recuperação do solo e da produção de café. In: SOUZA, M. N. (Org.) **Tópicos em Cafeicultura Vol. V – Cafeicultura Agroecológica**. Canoas: Mérida Publishers, 2025, p. 257-281. DOI: <https://doi.org/10.69570/mp.978-65-84548-35-0.c9>

BRASIL. Agenda 2030. **Indicadores brasileiros para os objetivos de desenvolvimento sustentável**. Brasília: ODS, 2019. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2019.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural: contribuições para o desenvolvimento rural sustentável**. Brasília, DF: MDA/SAF/DATER, 2004.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CONASS. CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE. **Organização Social: administração indireta**. Brasília: CONASS. Disponível em: <<https://www.conass.org.br/guiainformacao/organizacao-social/>>. Acesso em: 15 set. 2023.

COSTA, M. C. da; SILVA, E. B. da; SOARES, J. dos S. F.; BORTH, L. C.; HONNEF, F. Mulheres rurais e situações de violência: fatores que limitam o acesso e a acessibilidade à rede de atenção à saúde. **Revista Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, 2017.

DESTEFANI, J. D.; CARVALHO, S. W. S. de; FERRI, A. G.; ARAUJO, O. P.; AMARAL, A. A. do; NOVAES, C. A. de; FERNANDES, M. A.; MENON, M. M.; SOUZA, M. A. A. da S.; SOUZA, M. N. Entre o cultivo e o compromisso: agroecologia, justiça social e sustentabilidade em debate. In: SOUZA, M. N. (Org.) **Tópicos em recuperação de áreas degradadas Vol. X**. Canoas, RS: Mérida Publishers, 2025. p. 276-310. DOI: <https://doi.org/10.69570/mp.978-65-84548-34-3.c10>.

FIOCRUZ. **Saúde em territórios tradicionais: tecnologias sociais em agroecologia**. Disponível em: <<https://ensino.ensp.fiocruz.br/TSA/tema-1-5.html>>. Acesso em: 15 set. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

GUBA, E.; LINCOLN, Y. **Effective evaluation**. São Francisco: Jossey-Bass, 1981.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MALAVOLTA, E. **História do café no Brasil**: agronomia agricultura e comercialização. São Paulo: Ceres.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 2. ed. São Paulo: abril Cultural, 1978.

MATIELLO, J. B. **O café**: do cultivo ao consumo. São Paulo: Globo, 1991.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

SANTOS, R. M. dos. **As comissões de conciliação prévia como meio alternativo à jurisdição estatal para a solução dos conflitos trabalhistas**. 2002. 15 f. Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Direito, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC, 2002.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as águas. Rio de Janeiro: SOF, 2015.

SOUZA, M. N.; MAGALHÃES, M. V. D. de; LOPES, L. B.; AMARAL, A. A. do; MUNIZ, F.; PANCOTTO, T. A. Transição sustentável: caminhos para a construção de sistemas produtivos resilientes. In: SOUZA, M. N. (Org.) **Tópicos em recuperação de áreas degradadas Vol. X**. Canoas, RS: Mérida Publishers, 2025. p. 68-111. DOI: <https://doi.org/10.69570/mp.978-65-84548-34-3.c2>